

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o poema XXXVI de «O Guardador de Rebanhos». Se necessário, consulte a nota.

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!

- 5 Ter que pôr verso sobre verso, como quem construi um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...

Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma.

- 10 Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa,
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
15 De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos,
E não termos sonhos no nosso sono.

Fernando Pessoa, *Poesia de Alberto Caeiro*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith,
3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2009, p. 72

NOTA

construi (verso 5) – o mesmo que *constrói*.

1. Nas três primeiras estrofes, são abordados dois processos de criação poética.

Explicite esses dois processos, tendo em conta, por um lado, as comparações presentes nos versos 3 e 5 e, por outro lado, o sentido do verso 4 e o conteúdo da terceira estrofe.

2. Interprete o verso «Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa» (v. 9), atendendo à especificidade da poesia de Alberto Caeiro.

3. Explique o modo como as sensações e a comunhão com a natureza são valorizadas na quarta estrofe do poema. Fundamente a sua resposta com elementos textuais pertinentes.

B

Leia o texto.

Vejo o meu pai, no limite da minha infância, dobrar a porta do pátio, com um baú de folha na mão. Vejo-o de lado, e sem se voltar, eu estou dentro do pátio e não há, na minha memória, ninguém mais ao pé de mim. Devo ter o olhar espantado e ofendido por ele partir. Mas alguns meses depois o corredor da casa de minha avó amontoa-se de gente, na despedida de minha
5 mãe e da minha irmã mais velha que partiam também. Do alto dos degraus de uma sala contígua, descubro um mar de cabeças agitadas e aos gritos. Estou só ainda, na memória que me ficou. Depois, não sei como, vejo-me correndo atrás da charrete que as levava. O cavalo corria mais do que eu e a poeira que se ia erguendo tornava ainda a distância maior. Minha mãe dizia-me adeus de dentro da charrete e cada vez de mais longe. Até que deixei de
10 correr. Dessa vez houve choro pela noite adiante — tia Quina contava, conta ainda. Mas não conta de choro algum dos meus dois irmãos que ficavam também. Deve-me ter vibrado pela vida fora esse choro que não lembro. É dos livros, suponho. Depois a infância recomeçou. Três irmãos, duas tias e avó maternas, depois a vida recomeçou. Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno. É um inverno soturno de chuvas e de vento, de
15 neves na montanha, de histórias de terror, contadas à luz da candeia no negrume da cozinha, assombrada de tempestade. Até que um dia um tio de minha mãe, que era padre na aldeia, se pôs o problema de eu não ser talvez estúpido. E imediatamente se empolgou para me consagrar ao Altíssimo.

Vergílio Ferreira - Fotobiografia, organização de Helder Godinho e Serafim Ferreira, Lisboa, Bertrand, 1993, p. 118

4. Vergílio Ferreira evoca dois episódios marcantes da sua infância.

Compare esses dois episódios, apresentando um aspeto que os aproxime e um outro que os distinga.

5. «Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno.» (linhas 13-14).

Explique em que medida esta afirmação, bem como a caracterização do inverno apresentada nas linhas 14 a 16, sintetizam a perceção de Vergílio Ferreira em relação à sua infância.

GRUPO II

Leia o texto.

O conceito de cultura científica é o mais vasto e o mais complexo. A cultura científica não consiste apenas na capacidade de ler o mundo à nossa volta e de sabermos orientar-nos nele, nem consiste apenas na aquisição de conhecimentos científicos, como pretende o *Public Understanding of Science*.

5 A cultura científica é um capital que nos permite não apenas ler, mas usufruir do mundo, não apenas conhecer, mas manipular as ideias produzidas pela ciência, perceber as potencialidades e os riscos e as limitações da ciência, relacionar os conhecimentos da ciência com outros saberes e culturas e integrá-los numa visão coerente e enriquecedora do mundo, e encarar a ciência sem a mínima atitude de servidão ou sequer de reverência, mas apenas com curiosidade, emoção e sentido de responsabilidade.

10 A promoção da cultura científica visa dar à ciência o mesmo estatuto que possuem saberes como a literatura ou a música: garantir a todos a capacidade para o seu usufruto, as condições para a sua apropriação e as ferramentas para o seu controlo.

15 A cultura científica exige conhecimentos sobre a ciência, mas não conhecimentos disciplinares. Trata-se de conhecimentos sobre a forma como a ciência progride, nunca linearmente, mas com correções e desvios constantes; sobre a necessidade de hipóteses, de experiências, de confirmações e de desilusões; sobre a importância da imaginação e da excentricidade; sobre o valor da diferença e a importância do trabalho em equipa; sobre a importância do debate vivo e aberto; sobre as regras e os limites do método científico; sobre a banalidade do erro, a frequência dos enganamentos, os inevitáveis enviesamentos e as humanas fraudes, que existem tanto na ciência como em qualquer outra atividade humana; sobre a objetividade da ciência, mas também sobre o papel da subjetividade nas suas conclusões; sobre a intemporalidade da ciência, mas também sobre a forma como cada época gera as suas verdades provisórias; sobre a universalidade da ciência, mas também sobre a forma

20 como o contexto molda os consensos que constituem a «verdade científica».

A promoção da cultura científica nada tem a ver com a promoção da ciência. Promover a cultura científica é promover este olhar e estimular o diálogo, alimentar o pensamento crítico e a capacidade de fascínio com a descoberta, afastar o receio de questionar e ensinar-nos que é lícito ver algo diferente do que todos os outros à nossa volta veem e sempre viram.

30 Promover a cultura científica não é ensinar ciência – embora também o seja –, sendo fundamentalmente aproximar os cidadãos da ciência e familiarizá-los com os cientistas, com a sua atividade, e estimulá-los a questionar não só o mundo, mas a própria ciência.

António Granado e José Vítor Malheiros, *Cultura Científica em Portugal: Ferramentas para Perceber o Mundo e Aprender a Mudá-lo*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015, p. 19 (adaptado)

1. De acordo com os dois primeiros parágrafos, o que permite distinguir a cultura científica das concepções mais comuns de ciência é o facto de a cultura científica
 - (A) permitir que o homem conheça o mundo.
 - (B) se centrar na aquisição do saber científico.
 - (C) ultrapassar a dimensão puramente objetiva.
 - (D) ajudar o ser humano a orientar-se no mundo.

2. De acordo com a perspetiva expressa pelos autores no terceiro parágrafo do texto, a aproximação à literatura e à música realça a ideia de que a ciência deve
 - (A) propiciar uma visão subjetiva do mundo.
 - (B) evoluir linearmente, sem desvios.
 - (C) possuir um carácter disciplinar.
 - (D) estar ao alcance do cidadão comum.

3. No quarto parágrafo do texto, a construção anafórica está ao serviço da
 - (A) enumeração de propriedades que definem a cultura científica.
 - (B) enumeração de diversas características do método científico.
 - (C) demonstração do valor intemporal das conclusões científicas.
 - (D) demonstração da objetividade própria dos saberes científicos.

4. Nos dois parágrafos finais, os autores defendem, sobretudo, a ideia de que a cultura científica
 - (A) deriva exclusivamente do ensino da ciência.
 - (B) controla os efeitos da aplicação da ciência.
 - (C) contribui para o desenvolvimento da ciência.
 - (D) fomenta a curiosidade e o gosto pela ciência.

5. Nas expressões «sabermos orientar-nos» (linha 2) e «que nos permite» (linha 5), os pronomes pessoais desempenham as funções sintáticas de
 - (A) complemento direto e de complemento indireto, respetivamente.
 - (B) complemento indireto e de complemento direto, respetivamente.
 - (C) complemento indireto, em ambos os casos.
 - (D) complemento direto, em ambos os casos.

6. No contexto em que ocorrem, as palavras «literatura» e «música» (linha 12)
- (A) pertencem ao mesmo campo semântico.
 - (B) pertencem ao mesmo campo lexical.
 - (C) estabelecem uma relação de holonímia/meronímia.
 - (D) estabelecem uma relação de hiperonímia/hiponímia.
7. No contexto em que ocorre, a conjunção «mas» está associada a uma ideia de adição
- (A) na linha 5.
 - (B) na linha 9.
 - (C) na linha 14.
 - (D) na linha 16.
8. Indique o tipo de deixis assegurado pelo determinante possessivo presente na linha 2.
9. Classifique a oração iniciada por «que» na linha 25.
10. Identifique o antecedente do pronome presente em «embora também o seja» (linha 30).

GRUPO III

«A memória age como a lente de uma câmara escura; reduz todas as coisas e, dessa forma, produz uma imagem bem mais bela do que o original.»

Traduzido a partir de Arthur Schopenhauer, *Parerga and Paralipomena*, Vol. I, Oxford, Clarendon Press, 1974, p. 447 (adaptado)

Será que a memória permite sempre construir uma imagem idealizada do passado?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o modo como o passado é percecionado através da memória.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	50
TOTAL		200

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2017

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Entrelinha 1,5, sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

9 Páginas

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema XXXVI de «O Guardador de Rebanhos». Se necessário, consulte a nota apresentada a seguir ao texto.

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!...

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem construi (1) um muro
E ver se está bem, e tirar se não está!...

Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa,
E olho para as flores e sorrio...
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao colo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos,
E não termos sonhos no nosso sono.

Fernando Pessoa, *Poesia de Alberto Caeiro*

NOTA

(1) construí – o mesmo que constrói.

1. Nas três primeiras estrofes, são abordados dois processos de criação poética.

Explicita esses dois processos, tendo em conta, por um lado, as comparações presentes nos versos «Como um carpinteiro nas tábuas!...» e «Ter que pôr verso sobre verso, como quem construi um muro» e, por outro lado, o sentido do verso «Que triste não saber florir!» e o conteúdo da terceira estrofe.

2. Interprete o verso «Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa», atendendo à especificidade da poesia de Alberto Caeiro.
3. Explique o modo como as sensações e a comunhão com a natureza são valorizadas na quarta estrofe do poema. Fundamente a sua resposta com elementos textuais pertinentes.

PARTE B

Leia o texto.

Vejo o meu pai, no limite da minha infância, dobrar a porta do pátio, com um baú de folha na mão. Vejo-o de lado, e sem se voltar, eu estou dentro do pátio e não há, na minha memória, ninguém mais ao pé de mim. Devo ter o olhar espantado e ofendido por ele partir. Mas alguns meses depois o corredor da casa de minha avó amontoa-se de gente, na despedida de minha mãe e da minha irmã mais velha que partiam também. Do alto dos degraus de uma sala contígua, descubro um mar de cabeças agitadas e aos gritos. Estou só ainda, na memória que me ficou. Depois, não sei como, vejo-me correndo atrás da charrete que as levava. O cavalo corria mais do que eu e a poeira que se ia erguendo tornava ainda a distância maior. Minha mãe dizia-me adeus de dentro da charrete e cada vez de mais longe. Até que deixei de correr. Dessa vez houve choro pela noite adiante — tia Quina contava, conta ainda. Mas não conta de choro algum dos meus dois irmãos que ficavam também. Deve-me ter vibrado pela vida fora esse choro que não lembro. É dos livros, suponho. Depois a infância recomeçou. Três irmãos, duas tias e avó maternas, depois a vida recomeçou. Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno. É um inverno soturno de chuvas e de vento, de neves na montanha, de histórias de terror, contadas à luz da candeia no negrume da cozinha, assombrada de tempestade. Até que um dia um tio de minha mãe, que era padre na aldeia, se pôs o problema de eu não ser talvez estúpido. E imediatamente se empolgou para me consagrar ao Altíssimo.

Vergílio Ferreira - Fotobiografia

4. Vergílio Ferreira evoca dois episódios marcantes da sua infância.

Compare esses dois episódios, apresentando um aspeto que os aproxime e um outro que os distinga.

5. «Mas toda essa infância me parece atravessar apenas um longo inverno.»

Explique em que medida esta afirmação, bem como a caracterização do inverno («É um inverno soturno» até «assombrada de tempestade.»), sintetizam a perceção de Vergílio Ferreira em relação à sua infância.

GRUPO II

Leia o texto.

O conceito de cultura científica é o mais vasto e o mais complexo. A cultura científica não consiste apenas na capacidade de ler o mundo à nossa volta e de sabermos orientar-nos nele, nem consiste apenas na aquisição de conhecimentos científicos, como pretende o *Public Understanding of Science*.

A cultura científica é um capital que nos permite não apenas ler, mas usufruir do mundo, não apenas conhecer, mas manipular as ideias produzidas pela ciência, perceber as potencialidades e os riscos e as limitações da ciência, relacionar os conhecimentos da ciência com outros saberes e culturas e integrá-los numa visão coerente e enriquecedora do mundo, e encarar a ciência sem a mínima atitude de servidão ou sequer de reverência, mas apenas com curiosidade, emoção e sentido de responsabilidade.

A promoção da cultura científica visa dar à ciência o mesmo estatuto que possuem saberes como a literatura ou a música: garantir a todos a capacidade para o seu usufruto, as condições para a sua apropriação e as ferramentas para o seu controlo.

A cultura científica exige conhecimentos sobre a ciência, mas não conhecimentos disciplinares. Trata-se de conhecimentos sobre a forma como a ciência progride, nunca linearmente, mas com correções e desvios constantes; sobre a necessidade de hipóteses, de experiências, de confirmações e de desilusões; sobre a importância da imaginação e da excentricidade; sobre o valor da diferença e a importância do trabalho em equipa; sobre a importância do debate vivo e aberto; sobre as regras e os limites do método científico; sobre a banalidade do erro, a frequência dos enganamentos, os inevitáveis enviesamentos e as humanas fraudes, que existem tanto na ciência como em qualquer outra atividade humana; sobre a objetividade da ciência, mas também sobre o papel da subjetividade nas suas conclusões; sobre a intemporalidade da ciência, mas também sobre a forma como cada época gera as suas verdades provisórias; sobre a universalidade da ciência, mas também sobre a forma como o contexto molda os consensos **que** constituem a «verdade científica».

A promoção da cultura científica nada tem a ver com a promoção da ciência. Promover a cultura científica é promover este olhar e estimular o diálogo, alimentar o pensamento crítico e a capacidade de fascínio com a descoberta, afastar o receio de questionar e ensinar-nos que é lícito ver algo diferente do que todos os outros à nossa volta veem e sempre viram.

Promover a cultura científica não é ensinar ciência – embora também o seja –, sendo fundamentalmente aproximar os cidadãos da ciência e familiarizá-los com os cientistas, com a sua atividade, e estimulá-los a questionar não só o mundo, mas a própria ciência.

António Granado e José Vítor Malheiros, *Cultura Científica em Portugal: Ferramentas para Perceber o Mundo e Aprender a Mudá-lo*

1. De acordo com os dois primeiros parágrafos, o que permite distinguir a cultura científica das concepções mais comuns de ciência é o facto de a cultura científica
 - a) permitir que o homem conheça o mundo.
 - b) se centrar na aquisição do saber científico.
 - c) ultrapassar a dimensão puramente objetiva.
 - d) ajudar o ser humano a orientar-se no mundo.

2. De acordo com a perspetiva expressa pelos autores no terceiro parágrafo do texto, a aproximação à literatura e à música realça a ideia de que a ciência deve
 - a) propiciar uma visão subjetiva do mundo.
 - b) evoluir linearmente, sem desvios.
 - c) possuir um carácter disciplinar.
 - d) estar ao alcance do cidadão comum.

3. No quarto parágrafo do texto, a construção anafórica está ao serviço da
 - a) enumeração de propriedades que definem a cultura científica.
 - b) enumeração de diversas características do método científico.
 - c) demonstração do valor intemporal das conclusões científicas.
 - d) demonstração da objetividade própria dos saberes científicos.

4. Nos dois parágrafos finais, os autores defendem, sobretudo, a ideia de que a cultura científica
 - a) deriva exclusivamente do ensino da ciência.
 - b) controla os efeitos da aplicação da ciência.
 - c) contribui para o desenvolvimento da ciência.
 - d) fomenta a curiosidade e o gosto pela ciência.

5. Nas expressões «sabermos orientar-nos» e «que nos permite», os pronomes pessoais desempenham as funções sintáticas de
- a) complemento direto e de complemento indireto, respetivamente.
 - b) complemento indireto e de complemento direto, respetivamente.
 - c) complemento indireto, em ambos os casos.
 - d) complemento direto, em ambos os casos.
6. No contexto em que ocorrem, as palavras «literatura» e «música» (terceiro parágrafo)
- a) pertencem ao mesmo campo semântico.
 - b) pertencem ao mesmo campo lexical.
 - c) estabelecem uma relação de holonímia/meronímia.
 - d) estabelecem uma relação de hiperonímia/hiponímia.
7. No contexto em que ocorre, a conjunção «mas» está associada a uma ideia de adição em
- a) «A cultura científica é um capital que nos permite não apenas ler, mas usufruir do mundo».
 - b) «encarar a ciência sem a mínima atitude de servidão ou sequer de reverência, mas apenas com curiosidade [...]».
 - c) «A cultura científica exige conhecimentos sobre a ciência, mas não conhecimentos disciplinares.».
 - d) «Trata-se de conhecimentos sobre a forma como a ciência progride, nunca linearmente, mas com correções e desvios constantes».
8. Indique o tipo de deixis assegurado pelo determinante possessivo presente em «capacidade de ler o mundo à nossa volta».
9. Classifique a oração iniciada por «que» (palavra destacada no final do quarto parágrafo).
10. Identifique o antecedente do pronome presente em «embora também o seja» (último parágrafo).

GRUPO III

«A memória age como a lente de uma câmara escura; reduz todas as coisas e, dessa forma, produz uma imagem bem mais bela do que o original.»

Traduzido a partir de Arthur Schopenhauer, *Parerga and Paralipomena* (adaptado)

Será que a memória permite sempre construir uma imagem idealizada do passado?

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o modo como o passado é percecionado através da memória.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2017/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

GRUPO I

Parte A 60 pontos

1. 20 pontos

2. 20 pontos

3. 20 pontos

Parte B 40 pontos

4. 20 pontos

5. 20 pontos

100 pontos

A transportar **100 pontos**

Transporte 100 pontos

GRUPO II

- 1. 5 pontos
- 2. 5 pontos
- 3. 5 pontos
- 4. 5 pontos
- 5. 5 pontos
- 6. 5 pontos
- 7. 5 pontos
- 8. 5 pontos
- 9. 5 pontos
- 10. 5 pontos

50 pontos

GRUPO III

Item único 50 pontos

50 pontos

TOTAL 200 pontos